



O Castelo Encantado

J. W. Rochester

*O Castelo
Encantado*

Obra psicografada por
Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

Título do original:
Zakoldovannyi Zamok
© 2001 – Conhecimento Editorial Ltda.

O CASTELO ENCANTADO

J. W. Rochester
Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução:

Victor Selin

Revisão:

Margareth Rose Fonseca Carvalho

Antonio Rolando Lopes Jr.

Projeto gráfico:

Sérgio F. Carvalho

Ilustrações:

Cláudio Gianfardoni

Produzido no Departamento Gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rochester, John Wilmot, Conde de (Espírito)
O Castelo Encantado / Conde J. W. Rochester
; obra psicografada por Vera Ivanovna Kryzhanovskaia ; tradução de Victor Selin – 4ª. edição
–, Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2007.

Título original: *Zakoldovannyi Zamok*
ISBN 978-85-7618-121-7

1. Psicografia 2. Romance inglês I. Kryzhanovskaia,
Vera Ivanovna 1861-1924. II Título.

07-2125 CDD – 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicografia : Espiritismo 133.93
2. Romances mediúnicos : Espiritismo 133.93

J. W. Rochester

O Castelo Encantado

Obra psicografada por
Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

4ª Edição — 2007



EDITORA DO CONHECIMENTO
Obras de J. W. Rochester, psicografadas por
Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

- O Castelo Encantado - 2001
- Num Outro Mundo - 2001
 - Dolores - 2001
- O Terrível Fantasma (Trilogia - Livro 1) - 2001
- No Castelo Escocês (Trilogia - Livro 2) - 2001
- Do Reino das Trevas (Trilogia - Livro 3) - 2002
- Os Luciferianos (Bilogia: Os Servidores do Mal - Livro 1) - 2002
- Os Templários (Bilogia: Os Servidores do Mal - Livro 2) - 2002
 - Ksenia - 2003
 - A Filha do Feiticeiro - 2003
 - O Paraíso sem Adão - 2003
 - A Teia - 2003
- O Chanceler de Ferro do Antigo Egito - 2004
 - No Planeta Vizinho - 2004
 - O Faraó Mernerphtah - 2005
 - A Vingança do Judeu - 2005
 - Episódio da Vida de Tibério - 2005
 - Herculenum - 2007
- Hatasu - História de uma rainha - 2007
 - Abadia dos Beneditinos - 2007

Obs: A data após o título se refere à nossa primeira edição.





БЕРА
КРЫЖАНОВСКАЯ
РОЧЕСТЕР
ЗАКОЛДОВАННЫЙ
ЗАМОК



Nossa sincera gratidão ao amigo Antonio Rolando Lopes Júnior, cuja abnegação e persistência possibilitaram a produção desta obra.

Os editores



Prefácio

A literatura de Rochester fascina. Cada novo lançamento é sempre precedido de grande expectativa, na qual seu fiel público busca encontrar o inconfundível e admirado estilo do autor. Conquistando leitores brasileiros desde o início do século, quando foi editado o primeiro livro na língua portuguesa, o certo é que inúmeros leitores tiveram seu primeiro contato com a Doutrina Espírita através das obras do estimado Conde, cujas páginas cativam pela temática rica e diversificada.

Iniciando pelas crônicas bíblicas e percorrendo as antigas civilizações, com ênfase no Antigo Egito e no Império Romano, Rochester consegue dar vida e brilho aos acontecimentos históricos, revelando-os sob novo prisma, além dos que conhecemos nas páginas dos livros de História, e dos quais ele próprio pôde participar por mais de uma vez.

Os relatos da Idade Média focalizam conflitos religiosos e sociais, lendas medievais unidas ao místico, criando uma espécie de terror gótico. Muitos outros enredos se passam na Rússia imperial do século XIX, época e local da encarnação da médium Vera Kryzhanovskaia, e na qual a sociedade é habilmente descrita em meio aos conflitos políticos e sociais.

As obras ocultistas e de ficção também arrebatam grande parte dos leitores e nelas podemos encontrar desde enredos ricos em magia e em ciências ocultas até odisséias espaciais, onde o real funde-se com o imaginário, num interessante convite ao desconhecido.

Rochester não segue regras literárias bem definidas e suas obras não se enquadram nos moldes da literatura convencional, e, por isso, seu estilo não é facilmente rotulado. De

forma geral, o autor promove a fusão da literatura clássica e culta com a linguagem popular, do romantismo com o realismo e a tragédia, do épico com o macabro.

Sobre seus personagens, Rochester consegue defini-los com exímia competência, da escolha dos nomes às suas características físicas e seus perfis culturais e psicológicos, enfatizando o discurso lírico, revelando-lhes o interior, seus ideais, suas virtudes e fraquezas morais, o que lhes dão certa transparência. Assim, eles parecem ter vida própria, como personagens da vida real e não existem por acaso, tendo seu grau de importância no contexto da narrativa.

Da mesma forma, encontramos uma impressionante riqueza de detalhes na descrição ambiental. Essas minúcias criam uma realidade na imaginação do leitor que é importante no contexto da narrativa, cuja sequência de acontecimentos dão fluidez à leitura, conseguindo prender-lhe a atenção.

A inovação e o inesperado são características marcantes no autor, que atraem e fascinam o público. Numa constante renovação de idéias, suas novelas surpreendem pelos acontecimentos inimagináveis e inusitados, dando a elas uma sequência imprevisível. Contrariando o óbvio, suas epopéias nem sempre são “contos de fadas”. Embora encontremos perfis de heroínas com pureza virginal, bem como heróis corajosos, sedutores, românticos e belos, Rochester revela-lhes também seus defeitos, ambições, vaidades e maldades, decepcionando, algumas vezes, a expectativa do leitor.

Indo além do ordinário, Rochester levanta “o véu de Isis” e aborda em seus livros fatos ricos em magia, enigmas e rituais, onde o ceticismo cede lugar ao exótico e ao místico num constante confronto com o racional. Transformando o sobrenatural e inexplicável em fatos concretos, o autor consegue dar ao texto naturalidade e precisão, transmitindo uma sensação de realidade absoluta.

Por essas e outras, Rochester arrebanha simpatizantes e admiradores, embora alguns critiquem suas obras, por vezes, repletas de ficcionismo e fantasias. Mas, basta uma leitura mais apurada para perceber-se nas entrelinhas o quão rica são suas narrativas em valor moral, revelando o efeito nocivo dos baixos sentimentos que levam aos crimes, às iras e aos combates em vão — os insolúveis laços materiais e espirituais que ligam pessoas que se odeiam e que se amam, bem como as leis da reencarnação e de causa e efeito.

O Castelo Encantado não é diferente. Nesta nova obra, podem ser encontrados todos os ingredientes que a tornam simplesmente magnífica. A história se passa na França, no

século XIX, em meio à frívola e depravada nobreza da época e segue um estilo de suspense gótico. Aqui, podemos comprovar as inevitáveis leis cármicas, reunindo novamente nas ruínas do antigo castelo dos Bordele os mesmos protagonistas de uma misteriosa e terrífica trama ocorrida há séculos atrás...

Embora o enredo possa surpreender o leitor pelo conteúdo extraordinário, o fato é que desde a mais remota antiguidade podemos encontrar semelhantes fatos sobrenaturais, bem como vários Beranges, Alices, Mushkas e Renoirs, em queda e ascensão, de vida em vida, resgatando débitos e em busca do conhecimento, do aperfeiçoamento e do crescimento moral, para no futuro atingir a maturidade espiritual, que fará de todos nós um dia seres angélicos!

Sem dúvida, terá o leitor a oportunidade de conhecer mais uma obra-prima de Rochester. Boa leitura!

Antonio Rolando Lopes Junior



NA RUA LILL, PRÓXIMA À RUA DOS SANTOS PADRES, EM PARIS, existia um luxuoso palacete, cercado por lindo jardim. As tempestades de revoluções e a febre de construções da época não chegaram a atingir o belo prédio de estrutura totalmente principesca. Suntuoso e, ao mesmo tempo, sóbrio, nada devia aos palácios que sobreviveram no subúrbio Saint-Germain, todos pertencentes à mais refinada aristocracia francesa.

Num lindo dia de maio, os portões de ferro daquele luxuoso hotel abriram-se para a requintada sociedade parisiense. Longa fila de carruagens estacionava junto à entrada principal, sobre a qual refulgia um pequeno brasão. Das carruagens desembarcavam elegantes senhoras, militares graduados e civis de altos cargos. Conversando animadamente, eles subiam pela imponente escadaria, coberta de tapetes e decorada com flores e estátuas. Os curiosos que paravam diante do prédio, logo ficavam sabendo, pelos criados, que ali festejava-se o casamento do sobrinho, e único herdeiro, do Barão Ernest de Bordele com sua pupila Alice de Ruvre.

Os noivos encontravam-se no hall do luxuoso hotel e recebiam, sorridentes, os cumprimentos dos convidados, retribuindo-lhes com frases amáveis. Era um casal encantador, afirmavam todos os convidados ao Barão, que mostrava-se extremamente feliz com o enlace que unia o filho único de seu irmão à filha de um velho amigo.

O jovem casal realmente fazia jus a todos aqueles cumprimentos. O Marquês Berange de Bregam-Bordele era um belo homem de trinta e dois anos, alto, elegante, de feições corretas. Os cabelos louros e cheios emolduravam seu rosto anguloso; a barba e o bigode, mais escuros, destacavam os

lábios púrpura e bem delineados; os olhos grandes e escuros eram ocultos pelas lentes de um “pinça-nez”, e somente a palidez momentânea e a expressão de fadiga rebaixavam a aparência daquele rosto agradável. O Marquês estava impecavelmente trajado. Em cada gesto seu, em cada olhar, transparecia uma imponente tranqüilidade e autoconfiança que, todavia, eram amenizadas pela amabilidade e elegância de seus modos.

A jovem Marquesa era uma criatura encantadora de apenas dezoito anos. Olhos vivos e de tonalidade cinza-metálico, emoldurados por longas sobranceiras negras, refletiam no rosto o frescor de sua idade. Mas a boca pequena e rosada, no entanto, sustentava, naquele momento, uma expressão séria e altiva. Ela era de estatura média, mas a elegância de seu porte fazia com que parecesse maior.

Como um todo, a Marquesa ainda era uma criança, que, no entanto, prometia desenvolver-se e transformar-se numa bela mulher. Naquela hora, especialmente, ela encantava a todos com sua amabilidade, sua pureza virginal e um recato que transparecia em todo seu ser.

Quando acabaram os cumprimentos, a sociedade presente dividiu-se em grupos. O Marquês juntou-se aos rapazes, enquanto a noiva afastava-se para o nicho da janela junto com uma jovem, sua amiga. Esta última, uma mulher alta e bela, sentou-se, então, num pequeno sofá, puxou Alice para perto de si e, dirigindo-lhe um olhar maroto, disse brincando:

— Chega! Pare com esse ar de inacessível! Ainda na igreja, durante a cerimônia, fiquei apreciando o seu ar trágico e solene. Ou Berange não lhe agrada mais? Ele, realmente, não é nada mau.

— Aquele momento foi tão solene e as palavras de monsenhor Cerne tão tocantes que, confesso, fiquei muito abalada — disse Alice, deixando sem resposta a pergunta irônica da amiga.

— Oh! Tudo que monsenhor Cerne falou sobre as obrigações de esposa, as delícias da vida em família e a felicidade da união, baseada no amor mútuo; tudo isso é muito bom, mas não se deve levar muito a sério esse discurso meloso. Acontece que a vida conjugal está longe de ser um romance e os maridos nem de longe são Amadis.¹ Ao contrário, eles dão muita dor de cabeça às suas esposas, que são obrigadas a sofrer caladas.

Naquele instante, alguém se aproximou e interrompeu

1 Amadis - Protótipo do “cavaleiro andante”, fiel à sua dama e aos preceitos da cavalaria.

a conversa. Quando elas ficaram a sós novamente, a jovem amiga, aproveitando o momento, sussurrou para Alice:

— Agora você já pode se retirar, Alice, pois os convidados logo irão embora. Vamos ao seu quarto. Enquanto você troca de roupa, podemos conversar melhor.



Quinze minutos mais tarde, a Marquesa já estava no seu quarto de solteira. Enquanto a camareira ajudava-lhe a retirar o véu, a grinalda de flores e o pesado vestido de seda, de longa cauda, ela olhou para o relógio e disse:

— Temos ainda mais de duas horas para pegar o trem. Antonieta! Dê-me o “pegnoir” e deixe-nos a sós. Daqui a uma hora venha trocar-me. Mas, por enquanto, termine de fazer as malas.

Enquanto Alice vestia o “pegnoir” de cambraia e calçava os chinelos de pelúcia, sua amiga sentou-se no divã e ficou pensativa. Marion Laverdi era uma mulher muito bonita, alta, esbelta, de cabelos cheios e negros, olhos grandes e ousados, do tipo italiano, e boca púrpura que sustentava um sorriso desafiador. Ela estudou com Alice de Ruvre no colégio do Mosteiro Sacré-Coeur. Sendo mais velha que a amiga, já estava casada há cerca de quatro anos. O senhor Laverdi, deputado e rico latifundiário, era muito mais velho do que ela. O casal levava uma vida cheia de prazeres, mas correta. A amizade, que aproximou as amigas no mosteiro, apesar da diferença de idade, conservara-se e elas continuavam leais uma à outra.

— Agora, me conte — disse a senhora Laverdi, assim que a camareira saiu do quarto. — Aquela infeliz viagem para visitar minha tia nos distanciou por seis semanas. No dia de seu noivado, você estava muito mais encantada com Berange e, quando volto, encontro você completamente mudada. Isso me chamou tanto a atenção, que até perguntei se ele não lhe agradava mais? O que ele fez para desiludi-la tanto? Afinal, você o conhece há muito tempo.

Alice sentou-se ao lado da amiga e com um gesto nervoso afastou as mechas de cabelo que caíram sobre a testa.

— Sua intuição, Marion, não a enganou. É verdade, tive uma desilusão e temo ter feito a escolha errada. Por isso, durante a cerimônia, à medida que os laços que nos uniam tornavam-se irreversíveis, o meu coração enchia-se, cada vez mais, de tristeza e receio.

— Afinal, o que aconteceu?

— Nada de especial. Mas, dentro de mim nasceu a certeza de que ele estava casando-se comigo apenas para ceder aos desejos do tio, que queria fazê-lo criar juízo e pôr um fim à sua vida de solteiro, excessivamente longa para o último dos Bordele. Reconheço que Berange me agrada muito e fiquei muito feliz quando ele me pediu em casamento. Mesmo após o noivado, ele ainda continuava encantador, meigo e ardoroso, mas, aos poucos, tudo foi mudando. Pode-se dizer que ele tirou a máscara. Ficou indiferente, sempre se ausentando, alegando negócios inadiáveis e, quando ficava comigo, demonstrava-se claramente nervoso. Por fim, em seu comportamento transparecia algo ofensivo. Eu devia ter desmanchado o noivado, e tive vontade de fazê-lo em várias ocasiões, mas temia escândalos e mexericos. Além disso, não queria causar desgosto ao meu tutor, a quem devo tanto e que estava tão feliz com o nosso casamento.

— Compreendo os seus sentimentos, mas dá para conciliar tudo isso. Berange é um belo rapaz. Ele a fará esquecer essas pequenas decepções — observou Marion com um sorriso sem graça. Alice enrubescceu e cerrou o cenho.

— Realmente, ele não é feio, mas é volúvel e muito preocupado consigo mesmo. Mas, está muito enganado se pensa que vou pajeá-lo e atrelar-me à sua “biga triunfal”.

— Naturalmente, no início você vai sentir-se meio deslocada. A vida familiar tem seus espinhos; é bastante envenenada por esposas que traíram seus maridos e por atrizes e cantoras, além de outras mulheres do mesmo nível — disse, sarcasticamente, Marion.

— Oh! Esse tipo de mulheres! Se eu pudesse saber que é esse o motivo!

— Como você é ingênua! Você duvida, mas eu tenho certeza que ele tem alguma ligação desse tipo.

— Então, você sabia de alguma coisa e nunca me disse nada? Isso foi péssimo de sua parte, Marion! Apesar de tudo, eu desmancharia o noivado! — exclamou Alice com os olhos brilhando. Marion Laverdi balançou a cabeça.

— Tá-tá-tá! Você está se exaltando demais! Separação, escândalo, uma tremenda tempestade, só por causa de ninharias. Não vai me dizer que acredita que hoje em dia ainda existem fiéis trovadores. Sou mais velha do que você, estou casada há quatro anos e, por isso, tenho mais experiência. Pode acreditar: todos os maridos são parecidos. E não pense que o meu é uma exceção. Que nada! No primeiro ano, sofri demais quando soube que as reuniões marcadas com os eleitores eram, simplesmente, uma fachada; que as viagens de

negócios eram realizadas na companhia de uma certa dama safada, que usava brilhantes melhores que os meus; e que o meu querido esposo reservava compartimentos inteiros no trem só para os dois, enquanto fazia questão por cada conta que pagava na costureira, me acusando de esbanjamento.

— E você suportou tudo isso sem protestar, Marion?

— Para não provocar um escândalo público era preciso calar. Eu preferi a paz.

— E o Conde Nerval? — observou Alice, com ar de reprovação. Marion jogou a cabeça para trás e seus olhos semicerrados brilharam maliciosamente.

— O que você acha? Eu também quero usar brilhantes e ser amada. Roger me adora. Ele é um cavalheiro, na verdadeira acepção da palavra, e nunca comprometeria uma mulher casada. Estou sendo um pouco descuidada, ao confessar-lhe a minha “felicidade”, mas conto com sua discrição. Quando conhecer o Conde, você vai gostar dele.

— É verdade! Eu nunca o vi em sua casa, Marion.

— Repito: o Roger é muito discreto. No último inverno, ele fez uma longa viagem de negócios para tratar de assuntos da família. Mas, nesse outono, você terá a oportunidade de conhecê-lo. Laverdi, meu marido, vai convidá-lo para caçar. Ficaremos muito mais próximas agora, pois nós duas seremos vizinhas, graças à feliz idéia do seu tutor de comprar a propriedade Bordele e presentear-la ao Marquês.

— É uma propriedade de herança — disse Alice. — Ela foi perdida nos tempos da Revolução e o Barão sempre quis reavê-la. O lugar é bonito?

— Muito poético, Alice! Uma linda vila junto ao sopé de um penhasco, encimado por gigantescas ruínas, que, dizem, são encantadas. No vale também existem ruínas de um mosteiro, destruído durante a Revolução. Assim, você vai viver numa região de fantasmas. Mas, na minha casa, com certeza, vai retornar à realidade e se divertir bastante. Receberemos muitos convidados, inclusive, o meu favorito, o teutão.

— Quem é esse? — perguntou Alice com surpresa.

— Um belo marinheiro, irmão caçula da minha tutora alemã. Ele acabou de retornar de uma viagem de volta ao mundo e vai ficar seis meses de férias. Gunter é um rapaz encantador. Louro, alto, esbelto, olhos azuis que brilham como estrelas. Além disso, é discreto como uma moça. Sempre imaginei casá-lo com você, pois ele também sonha com o tempo dos trovadores. Agora você poderá flertar com Gunter só para provar ao senhor Marquês que não morre de amores por ele e que não tem opiniões retrógradas sobre a fidelidade.

Os maridos nunca são discretos, mas querem nos impor uma fidelidade canina. Felizmente, o tempo da tirania já passou. Vou ser sua madrinha. Vou visitá-la freqüentemente na companhia de Gunter e vamos passear pelas ruínas onde, dizem, vivia alguém parecido com o Barba Azul. A sombra desse mau cavaleiro aparece no castelo junto com a Dama de Branco, que teria sido sua vítima.

— Ah! Uma dama de branco! Que felicidade para o Berange! Ele vai poder cortejar a linda proprietária do castelo, senão morreria de tédio entre todas aquelas ruínas, a começar pelas da própria liberdade — observou a Marquesa com amargura. Marion soltou uma sonora gargalhada.

— É verdade! A perda da liberdade, mesmo fictícia, provoca uma terrível reação nos nossos pobres maridos. Eles cometem muitas besteiras só para provar a si mesmos que não foram acorrentados como cães. Aliás, eles têm algo em comum com esses pobres quadrúpedes: os cães ficam irados quando perdem os dentes, e os homens, quando perdem o seu “status”. Mas, devo avisá-la de mais uma coisa. Não pense que o seu Berange terá somente a Dama de Branco para cortejar. Perto de sua propriedade existe uma estância de águas minerais freqüentada por muitas damas.

— Estância de águas minerais perto de Bordele? Nunca ouvi falar disso!

— Ela existe há apenas dois anos — disse alegremente Marion. — E deve sua existência a um tal senhor Bertrand, que descobriu perto de Bordele uma fonte de águas quentes que são, se não me engano, ferruginosas. Esse homem abriu, imediatamente, uma empresa para explorar o negócio, que ele próprio dirige. Construiu ali um cassino, um teatro, terras e, aparentemente, o negócio vai bem.

A chegada da camareira que entrou para vestir Alice, interrompeu a conversa. Pouco depois, Marion Laverdi despediu-se, carinhosamente, da amiga, fazendo-a prometer escrever-lhe com freqüência.



Aproveitando a oportunidade, o Marquês retirou-se para o quarto temporariamente reservado para ele, pois o local destinado aos noivos só ficaria pronto no outono. Sem chamar o mordomo, Berange tirou o fraque, jogando-o sobre o sofá, enquanto a gravata branca era arremessada ao chão. Em seguida, após andar pelo quarto, sentou-se à escrivaninha, retirou da gaveta uma folha de papel de correio, perfumada, e escreveu rapidamente as seguintes linhas:

“Querida Mushka:

Está tudo acabado! Hoje coloquei o laço no meu pescoço! Em vez de passar horas maravilhosas ao seu lado, devo viajar e desempenhar o papel de marido carinhoso, diante daquela que me foi impingida pelo orgulho familiar do meu tio.

Mas a nossa separação não será muito longa. Assim que chegar lá, vou alugar uma casa para você em Bordele, onde as pessoas vão visitar as águas, e irei sempre vê-la. O local fica somente a duas horas de distância da vila e minha bicicleta² poderá me levar rapidamente até você.

Estou com uma enxaqueca infernal. Quase não dormi e a detestável cerimônia de hoje aumentou ainda mais a dor. Me sinto todo quebrado, mas não me queixo, pois isso é uma recordação da nossa noite de despedida. Aquelas maravilhosas horas valem um pouco de sacrifício! Então, minha adorada, Mushka, até o breve encontro!

Milhares de beijos.

Seu Berange de Bordele”

Após concluir a carta, o Marquês tocou a sineta. Imediatamente, entrou no quarto um jovem de fisionomia agitada, vestido de cavaliário inglês.

— Jack! Leve, imediatamente, esta carta ao endereço da Avenida Gaussman e depois vá direto à estação de trem — ordenou o Marquês. — Diga também ao Justino que venha daqui a uma hora ajudar a me vestir. Agora quero descansar um pouco.

Ficando só, o Marquês acendeu um charuto e deitou-se no divã. Estava exausto, mas de muito bom humor, pois cantarolava o tempo todo uma alegre canção. Nem percebeu que cometera um erro imperdoável. O bom senso e a consciência não lhe despertavam para a atitude canalha que tivera ao escrever aquela carta para a cortesã no mesmo dia em que, voluntariamente, comprometia-se para sempre com uma 2. Ninguém sabe, com certeza, a quem se deve a invenção da bicicleta. Uma das primeiras matrizes de que se tem notícias foi produzida pelo barão alemão Karl von Drais. Introduzida na Inglaterra, em 1818, era feita quase completamente de madeira e considerada o grande passatempo na sociedade modista. Mas, foi o francês Pierre Lallement quem registrou a primeira patente deste veículo, em 1866, que mais parecia um velocípede. Com o tempo, a bicicleta foi se aperfeiçoando e apareceram os pedais que se comunicavam com a roda dianteira, que era enorme. Depois, vieram as armações de metal nos modelos mais caros; daí o apelido de “cavalo de aço”. Ao ser lançada, a “verdadeira” bicicleta distoava dos outros meios de transporte puxados a cavalo, como carruagens e cabriolés, mas ressaltava-se como modismo e era muito apreciada por aristocratas como o Marquês de Bordele, que precisava locomover-se rapidamente e a sós por entre as alamedas.